

# Dr. David Bauer, Estudo Bíblico Indutivo, Aula 22, Tiago 2:14-20

© 2024 David Bauer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 22,  
Tiago 2:14-20.

Estamos prontos agora para passar para a segunda parte do capítulo 2. Como vocês se lembram, temos a exortação no início do capítulo 2, meus irmãos, não mostrem parcialidade ao manterem a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, o Senhor de glória, que ele então prossegue e fundamenta desenvolvendo o argumento de apoio no que diz respeito à parcialidade.

Na verdade, os argumentos de apoio são o duplo argumento aqui em 2:1 a 13, a saber, que a parcialidade é contrária à eleição de Deus, à eleição dos pobres por Deus. Isto é encontrado, é claro, em 2:2 a 7. E então essa parcialidade é contrária à lei, 2:8 a 13. Pode-se dizer que é contrária à lei de Deus, 2:8 a 13.

Agora, em 2:14 a 26, ele na verdade apoia tudo o que disse em 2:1 a 13, introduzindo realmente o argumento a respeito da justificação. A justificação por uma fé que se expressa em obras em vez de separar a fé das obras, insistindo agora que qualquer fé que seja fé verdadeira, que seja fé válida, deve ter como corolário o que ele segue chamando de obras. Isto, é claro, sugere que o problema, o problema fundamental que está por trás de 2:1 a 13, é uma bifurcação, uma dicotomia, uma separação entre fé e obras.

É claro que, a esta altura, sabemos como James se sente em relação à bifurcação e à divisão. Ele opera com base no fato de que Deus é um. Essa é uma verdade fundamental sobre Deus, que ele deriva do Shemá em Deuteronômio 6. Aqui, ó Israel, o Senhor, nosso Senhor, é um só Deus.

Deus é um, não apenas no sentido de que não existem outros deuses, mas o que, é claro, é um aspecto do significado do Shemá e talvez um aspecto dominante no contexto de Deuteronômio. Mas há outro aspecto nisso, também, que James aborda, e é que Deus é um no sentido de que ele é indiviso, que ele é inteiro, que Deus está perfeitamente coerente em torno do centro do compromisso de fazer o bem, do compromisso de fazer o bem, do compromisso de dar e dar o bem à sua criação humana e especificamente ao seu povo, àqueles que nele acreditam. Agora, esta bifurcação é, como eu disse, muito ofensiva para James.

Ele vê isso como um repúdio fundamental à fé. E assim, essa questão de mostrar parcialidade ao manter a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, o Senhor da glória, sugere, como eu disse, uma dicotomia dentro da pessoa. Isto não pode ser.

Então, ele fundamenta o que diz a respeito do problema de mostrar parcialidade ao manter a fé em nosso Senhor Jesus Cristo pelo argumento a respeito da fé e das obras, ou seja, a fé e o dever devem ser coerentes contra serem separados. Agora, é por isso que dizemos aqui que ele passa da exortação específica para o princípio geral. Então, você tem aqui tanto fundamentação quanto generalização porque, obviamente, o que ele diz em 2:14 a 26 se aplica não apenas à parcialidade, não apenas ao tipo de bifurcação que ele descreveu e lamentou em 2:1 a 13. mas se aplica de forma mais geral.

Assim, a exortação específica apoiada no princípio geral. É claro que o princípio geral é que a fé, sem as obras, está morta. Temos isso em 2.14 a 26.

Agora, ao darmos um passo para trás e olharmos para toda esta porção, 2.14 a 26, veremos que, pelo menos na minha opinião, ele expõe o princípio de 2.14 a 17 através de uma série de perguntas retóricas. Depois, ele prossegue e dá argumentos de apoio a este princípio em 2:18 a 26, o que, claro, significa que temos fundamentação aqui. O princípio é apresentado em 2:14 a 17, e então ele fundamenta, apoia ou dá razões para a validade deste princípio em 2:18 a 26.

Agora, no que diz respeito ao princípio em si, conforme ele o articula em 2:14 a 17, que você lê aqui, está morto. Agora, ele começa aqui, é claro, com a declaração em versículo, e na verdade, eu deveria ter dado o versículo para referência aqui, no versículo 14. E isto é, a declaração tem a ver com a própria fé sem obras.

O que é um profeta, meus irmãos? Se um homem diz que tem fé, mas não tem obras, pode a sua fé salvá-lo? Depois ele vai em frente e dá provas disso, o que, claro, envolve realmente comprovação. Na verdade, ele fundamenta esta afirmação de que não tem proveito se um homem diz que tem fé e não tem obras, que a sua fé não pode salvá-lo. E ele diz, a razão pela qual eu digo isso, eu digo isso, e a razão pela qual você deveria acreditar nisso, é se um irmão ou irmã está mal vestido e com falta de comida diária, e um de vocês diz a eles, vá em paz, seja vestido e saciado, sem lhe dar as coisas necessárias ao corpo, não tem proveito.

Depois ele segue em frente e tira uma conclusão disso, que é essencialmente paralela à declaração no início do parágrafo. Então, ele termina aqui no versículo 17 com uma conclusão, uma inferência. Isto, claro, é uma espécie de causalidade lógica, extraindo uma inferência do que ele disse.

Assim, a fé por si só, se não tiver obras, está morta. Agora, com relação à declaração em 2:14, que aproveita, meus irmãos, se um homem disser que tem fé e não tem

obras? Notamos aqui que James se envolve em um diálogo imaginário. Na verdade, o que ele faz aqui neste ponto, e continuará até o final do capítulo, é se envolver no que chamamos de diatribe.

Agora, na linguagem inglesa geral, uma diatribe significa um discurso retórico ou algo parecido, mas não é isso que temos em mente. A diatribe vem do vocabulário da retórica antiga e tem a ver com a prática que era bastante comum entre os antigos oradores, escritores e retóricos, que consiste em defender a sua posição, apresentar o seu argumento, através do envolvimento numa espécie de diálogo. Talvez se possa até dizer uma espécie de discussão, mas certamente uma espécie de diálogo com um interlocutor imaginário, um interlocutor imaginário.

E então ele começa isso já aqui, com essa pessoa imaginária que diz que tem fé mas não tem obras. Agora, notamos aqui que esta pessoa, este interlocutor, afirma ter fé mas não tem obras. Observe com atenção, e isso envolve uma leitura atenta do texto, observe com atenção o que temos aqui.

Que aproveita, meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Observe que ele não diz se um homem tem fé, mas não tem obras. Mas antes, se um homem diz que tem fé, mas não tem obras. Isto indica que este homem não tem realmente fé.

Ele diz que tem fé, mas não tem obras. Agora, Tiago poderia ter dito: que aproveita ao homem se ele tiver fé, mas não tiver obras, ou se disser que tem fé, mas disser que não tem obras? Mas não, você não tem nenhuma correspondência entre esses dois membros da declaração contrastante.

Ele diz que tem fé, mas na verdade não tem obras. Como eu disse, isso indica muito sutilmente, mas creio que de forma bastante eficaz, que essa pessoa não tem realmente fé. Ele afirma ter fé, mas na verdade não tem pelo menos o que Tiago consideraria a verdadeira fé, ou qualquer fé que valha a pena ter.

Esta conclusão será reforçada mais adiante neste parágrafo. Agora, o ponto principal do versículo é, claro, esta é a predicação que ele faz, a afirmação que ele faz, de que isso não lhe beneficia. Que aproveita, meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Agora, é claro, esta é uma pergunta retórica e, portanto, não se trata de fazer uma pergunta para obter informações.

É uma declaração em forma de pergunta e, portanto, ele está realmente fazendo uma afirmação. Não aproveita quem diz que tem fé, mas não tem obras. Isso não lhe beneficia.

Agora, o termo lucro aqui é ta ophelos. Não tem lucro. Não há lucro nisso, e a palavra ta ophelos aqui, que o RSV traduz como lucro, indica, e isso é o melhor que posso apresentar aqui, indica um efeito vantajoso.

Observe aqui que a suposição, que faz parte da compreensão cristã da fé, que Tiago compartilha com seus leitores . Caso contrário, é claro, ele não colocaria isso na forma de uma pergunta retórica. Ele percebe que eles aceitarão isso. A suposição aqui, que faz parte da compreensão cristã da fé, que Tiago partilha com os seus leitores, é que a fé, pela sua própria natureza, conduz a efeitos vantajosos.

Ele está dizendo isso, Tiago está dizendo, que o homem que diz, a pessoa que diz que tem fé, mas na verdade não tem obras, não tem fé verdadeira, porque esta não se qualifica de acordo com o critério da fé verdadeira. Não tem efeitos vantajosos. Assim, se for possível demonstrar que um certo tipo de fé não tem efeitos vantajosos, então, pela sua própria natureza, não é de todo a verdadeira fé cristã.

Aliás, temos aqui o uso do artigo no grego. Ele não diz, portanto, a palavra lucro. Qual é o lucro? poderíamos dizer.

A questão, porém, é que muitas vezes o artigo em grego, o artigo definido em grego, é usado demonstrativamente. E, portanto, neste caso, se o artigo for, nesta passagem, realmente usado de forma demonstrável, ele pode ser traduzido, pode ser entendido, como significando: esse tipo de fé pode salvá-lo? Esse tipo de fé pode salvá-lo? Na verdade, este é um julgamento de AT Robertson, um grego do Novo Testamento, que ele expõe na sua chamada gramática ampla. Aliás, é chamada de gramática grande porque quando ele a escreveu originalmente, tinha mais de mil páginas.

Então, alguns anos depois, ele decidiu que tinha muito mais a dizer e lançou uma segunda edição, que tinha 500 páginas adicionais. Mas na grande gramática de Robertson, é isso que ele diz, e acho que ele está certo. Esse tipo de fé pode salvá-lo? Agora, o efeito vantajoso que se supõe que a fé tenha para o crente é indicado explicitamente neste contexto.

Você vê? Salvação. Sua fé pode salvá-lo? Ou ainda, uma vez que isto está na forma de uma pergunta retórica, reafirmada em forma declarativa, a sua fé não pode salvá-lo. A propósito, esta afirmação sugere que ele tem um tipo de fé, mas não uma fé verdadeira.

É um tipo de fé que não pode salvar e, portanto, não é verdadeira em relação à fé. Agora, Tiago vai ligar esta noção de salvação em apenas alguns versículos daqui, alguns versículos abaixo, ele vai ligar com a justificação. Mas neste ponto ele está falando sobre salvação.

Ele usa a palavra salvação. A salvação neste contexto é provavelmente entendida no sentido, principalmente entendida, no sentido de escapar do julgamento do fim dos tempos. Com base no contexto imediato, é exatamente disso que ele estava falando no versículo imediatamente anterior.

O versículo 13, para julgamento, é sem misericórdia para quem não demonstrou misericórdia, mas a misericórdia triunfa sobre o julgamento. O que, aliás, está ligado à demonstração de misericórdia. Um ponto que seria abordado em 2:16 e, portanto, vinculado ao conceito de fé.

Agora, ele segue em frente, tendo feito esta declaração, esta declaração inicial em 2:14, para apoiá-la em 2:15 e 2:16. Observe o método de James. Ele gosta de apresentar cenários exemplares. Vimos em um segmento anterior que é exatamente isso que ele faz em 2:2 a 4, onde ele quer apoiar a exortação para não mostrar parcialidade ao manter a fé em nosso Senhor Jesus Cristo.

Ele apoia isso com este cenário muito vívido ali. Ele faz a mesma coisa aqui. Aliás, ele gosta especialmente de apresentar cenários negativos.

Aqueles que demonstram algum tipo de dificuldade em sustentar o que acaba de dizer. E, novamente, é isso que ele faz aqui. Então, você tem um cenário.

Novamente, não há razão para pensar que ele esteja pensando em um evento que realmente ocorreu. Mas ele está criando esse cenário para deixar claro. Se um irmão ou uma irmã estiver mal vestido e carente do alimento diário, e um de vocês lhe disser: vá em paz, aqueça-se e sacie-se, sem dar-lhe o necessário para o corpo, que aproveita isso? Novamente, no contexto, é quase certo que isto é o que Tiago tem em mente quando fala sobre misericórdia ou quando fala sobre misericórdia no versículo 13.

O julgamento é sem misericórdia para quem não demonstrou misericórdia. Isto ilustra então um tipo de comportamento impiedoso, a falta de demonstração de misericórdia. Agora, eu mencionei, é claro, que esta salvação, deixe-me apenas mencionar aqui, voltando por um segundo, que esta salvação da qual ele fala no versículo 14 quase certamente tem principalmente a noção de julgamento do fim dos tempos e salvação do fim dos tempos. -julgamento de tempo.

Mas penso que também está relacionado na mente de Tiago com a salvação presente, com a libertação, por outras palavras, com o tipo de liberdade que os cristãos podem experimentar agora, que é um aspecto da salvação na soteriologia de Tiago, na sua doutrina da salvação. Mais uma vez, porém, isto é apoiado pelo contexto imediato, versículo 12, assim fale, e assim aja como aqueles que serão julgados sob a lei da liberdade. E, claro, ele já havia falado sobre a lei como uma lei

de liberdade em 1:21, bem, em 1:25, que também envolvia a salvação da alma em 1:21.

Assim, a sua compreensão da salvação envolve tanto a libertação presente daquelas coisas que nos mantêm em cativeiro, que nos impedem realmente de uma experiência plena do tipo de vida rica que Deus quer dar ao seu povo agora, entendida especialmente, é claro, como uma libertação da escravidão, bem como salvação em termos de consumação futura. Agora, como eu disse, a evidência é encontrada nisso, ou o apoio é encontrado neste cenário, nos versículos 15 e 16. Esta é uma situação hipotética.

É um exemplo de fé sem obras, incluído para demonstrar que tal fé é inútil. Não tem efeitos vantajosos. Agora, é claro, isso está estruturado, os versículos 15 e 16 estão estruturados de acordo com o contraste aqui.

E é essencialmente um contraste entre fazer uma oração e doar de fato. O que faz esse negócio de se relacionar com o pobre em termos de discurso, que não inclui nenhum tipo de ação correspondente? O contraste está entre falar sem fazer e fazer.

O discurso, é claro, é na verdade uma bênção em certo sentido. Vá em paz; ser aquecido e preenchido. Agora, essa questão, esse contraste entre falar sem fazer e fazer, é claro, é exatamente o que ele tem em mente, o que ele tinha em mente no versículo 14.

Qual é o lucro, meus irmãos, se um homem diz que tem fé, mas não tem obras? Aí você vê, você tem fala sem ação. Aqui você também tem fala sem ação. Eu acho que é importante notar então a relação com, também com, há uma, mesmo quando ele fala sobre fala sem ação aqui, há uma conexão entre fala sem ação aqui e audição sem ação em 1:22 a 25.

O problema de 1:22 a 25, que ele diz, que, você sabe, envolve ser cumpridores da palavra, ser cumpridores da palavra e não ouvintes, apenas enganando a si mesmos, isso envolvia ouvir sem ação. Agora, isso envolve falar sem ação. Pode ser que um tipo de fé se expresse na oração, seja aquecido e preenchido.

Aqui temos, aliás, a voz passiva. Agora, mencionamos quando falávamos sobre interpretação e interpretativo, diferentes tipos de evidências interpretativas, a importância, importância potencial em pontos de inflexão e mudanças na forma da palavra que indicam seu significado e significado gramatical. Aqui temos a voz passiva.

Em outras palavras, não é uma questão, não é uma questão de alguém fazer algo, mas sim de algo ser feito a alguém. Isso é o que queremos dizer com voz passiva. Aqui ele diz, diz, seja aquecido e preenchido.

Agora, uma das funções da voz passiva no Novo Testamento é o que é chamado de voz passiva divina. Perdoe-me por ser um pouco técnico neste momento, mas não é um conceito difícil. Às vezes, se você quiser ser realmente sofisticado, isso é chamado de passivo da circunlocução divina. Envolve o uso da voz passiva quando não há indicação explícita de quem realiza a ação. Isso é o que você tem aqui.

Ele não quer, ele não diz, ser aquecido e preenchido por alguém. Quando você tem a passiva usada sem indicação de quem é o responsável pela ação, simplesmente afirmando a passiva sem nenhuma indicação de quem, de quem faz, isso, aquilo, aquilo pode ser a passiva divina. E quando você tem, e quando você tem a passiva divina, isso realmente significa que Deus é o sujeito sem nome da ação ou, devo dizer, o ator sem nome, que é o caso nesta passagem, seja aquecido e preenchido por Deus.

Ele está dizendo, que Deus aqueça e preencha você. Aliás, a passiva divina é provavelmente usada, bem, quase certamente como um dispositivo. E isso era especialmente comum entre, você realmente não tem muito no grego do período em geral, mas é encontrado principalmente no Novo Testamento.

É em grande parte exclusivo do Novo Testamento e de quem, e, e, e, na verdade, dos escritores gregos judeus da época. E é encontrado especialmente entre os escritores do Novo Testamento que são judeus. A questão é que é uma maneira de falar sobre a ação de Deus sem realmente usar a palavra Deus ou o nome Deus.

Os judeus mantinham o nome de Deus com extrema reverência. Você sabe, é claro, o quanto o Antigo Testamento enfatiza a majestade, a glória e a santidade, a santidade do nome de Deus, que, é claro, é expressa nos Dez Mandamentos. Não tomarei o nome do Senhor teu Deus em vão.

E assim, os judeus eram muito sensíveis no que diz respeito à santidade do nome divino e mantinham o nome de Deus com tal reverência que acreditavam que mesmo pronunciando o nome, a palavra Deus, mais do que era absolutamente necessário, eles o vulgarizavam. Eles banalizaram isso. Assim, eles desenvolveram uma série de expedientes para falar sobre Deus sem usar o nome divino.

Um deles era o passivo divino. Então, ficou claro que se você usar a voz passiva sem uma indicação explícita de quem realiza a ação no contexto, ficou bastante claro que Deus pode muito bem estar em mente que eles poderiam falar sobre Deus sem realmente usar a palavra Deus. Esta preocupação com a santidade do nome de Deus, é claro, é um problema que as pessoas modernas tendem a não ter.

Mas eles certamente tinham esse tipo de convicção. Aliás, outro, outro expediente, apenas como um aparte, que eles desenvolveram, eu acho, embora isso tenha sido

contestado recentemente, mas acho que é o caso, e acho que ainda há um consenso de que é assim, é, o que você tem especialmente no evangelho de Mateus, para falar do lugar onde Deus habita como uma espécie de substituto do nome divino. Portanto, o reino dos céus é realmente, no evangelho de Mateus, sinônimo do reino de Deus.

Mateus usa o reino dos céus cerca de 33 vezes o reino de Deus quatro, mas somente naquelas passagens onde é importante em termos de contexto realmente nomear Deus é que você tem o reino de Deus. Caso contrário, é usado o reino dos céus, que é inteiramente sinônimo e idêntico ao reino de Deus. Mas, novamente, é uma forma de evitar o uso do nome divino, falando sobre o lugar onde Deus habita, em vez de, bem, falar sobre o lugar onde Deus habita como uma forma de falar sobre Deus.

Então, isso é na verdade um tipo de oração. Que Deus aqueça e preencha você. Então, notamos isso, e a comparação implícita entre dizer que alguém tem fé e esta afirmação, porque isso expressa um certo tipo de fé, um certo tipo de fé em Deus, que Deus é bom e que Deus lhe fornecerá o que você precisa.

Na verdade, envolve uma crença falada, expressando até mesmo o desejo de que Deus de alguma forma satisfaça as necessidades destes pobres irmãos cristãos. E, a propósito, nesta passagem ele não está falando simplesmente dos pobres em geral, mas dos pobres cristãos, de um irmão e irmã pobres. Isto tem a ver com a forma como alguém se relaciona com os outros dentro da comunidade de fé, um companheiro cristão.

Agora, essa pessoa então que pronuncia tal bênção, um desejo, ou um desejo, essa pessoa conhece com exatidão a situação que é sugerida pelo que esta pessoa diz e conhece com exatidão o misericordioso. Versículo 13, a misericórdia triunfa sobre o julgamento. E 511, você ouviu falar da firmeza do Senhor e viu o propósito do Senhor, como o Senhor é compassivo e misericordioso.

Assim, a pessoa conhece com precisão a situação, conhece com precisão o caráter de Deus no que se refere à situação de que Deus é misericordioso, mas se recusa a envolver-se na obra de Deus nesta situação, recusa-se a agir de acordo com o que sabe. Digo ele porque essa é a linguagem que está sendo usada aqui, para agir de acordo com o que ele sabe. O trabalho, portanto, envolve duas coisas, de acordo com esta passagem.

Consistência ativa com crença falada. É extremamente importante observar. O que James quer dizer quando fala sobre obras aqui? Nesta passagem, neste contexto, significa, antes de tudo, consistência ativa com a crença falada.

E em segundo lugar, compartilhar ativamente a obra de Deus. Isto é, tornar-se parceiro de Deus na atividade redentora e misericordiosa de Deus. Um outro breve



comentário com relação aos versículos 15 e 16 aqui, e é que, embora a RSV traduza o versículo 15 como mal vestido se um irmão ou irmã estiver mal vestido, na verdade, a palavra aqui é *gumnoi*, que basicamente significa nu.

Pode significar mal vestido, mas não é assim que geralmente é entendido. Não é assim que é usado. Tipicamente e basicamente significa nu.

Isto tem um significado duplo e é provavelmente assim que deveria ser traduzido aqui. Claro, a razão pela qual é traduzido como malvestido é que se trata de uma pessoa que não tem recursos para roupas adequadas. Mas o facto de ele falar aqui sobre a nudez aponta, por um lado, para toda a questão da vergonha.

Na verdade, penso eu, ele está captando e expressando outro aspecto da pobreza. Não tem simplesmente a ver com sofrimento material ou deficiência material, mas há uma vergonha associada a isso, que também, além da necessidade material e da deficiência material, clama para ser abordada em termos de ação misericordiosa. A vergonha da pobreza, há um estigma social associado a ela, que, claro, está ligado a toda esta noção de vergonha, que é tipicamente expressa em termos de nudez dentro da tradição bíblica.

Em primeiro lugar, apenas como exemplo, na narrativa do outono, eles estavam nus, mas não tinham vergonha e coisas do gênero. Então, como eu disse, existe uma conexão conceitual entre nudez e vergonha. Mas, além disso, pode ser que não possamos dizer com certeza, mas pode ser uma alusão à discussão de Jesus sobre as ovelhas e os cabritos que você tem no capítulo 25 de Mateus.

Em termos de evidência, sabemos, é claro, que existem diversas passagens nas quais Tiago ecoa os ensinamentos de Jesus que são encontrados especialmente no evangelho de Mateus. E assim, Tiago parece estar familiarizado com a tradição de Jesus, especialmente a tradição de Jesus que está ligada a Mateus. Não que ele necessariamente soubesse. Na verdade, acho que não há como ele conhecer o evangelho de Mateus, porque presumivelmente o evangelho só teria existido alguns anos depois de esta epístola ter sido escrita.

Mas ele parece estar familiarizado com a tradição de Jesus que Mateus também conhecia e incorporava. E, claro, você se lembra, eu estava nu e você não me visitou ou não me vestiu. Você não me deu roupas e esse tipo de coisa.

E assim, ele pode estar voltando à tradição de Jesus e lembrando aos seus leitores que o próprio Jesus considerava esse tipo de coisa de significado suficiente para incluí-lo em seus ensinamentos enquanto ele ministrava na terra. Agora, há uma causalidade aqui onde ele diz, basicamente, que ter esse tipo de fé não traz nenhum benefício. Esse é o ponto, claro, da última afirmação no versículo 16.

Qualquer um de vocês diz: vá em paz, aqueça-se e sacie-se sem dar-lhes as coisas necessárias para o corpo, mas de que adianta isso? A maneira de dizer é que não lucra nada. Agora, isso é um tanto ambíguo; a afirmação é aberta e pode, na verdade, envolver duas coisas que estão interligadas. Estamos respondendo à pergunta: o que exatamente ele quer dizer quando diz aqui que não adianta nada.

Qual é o ponto? Como eu disse, pode envolver duas coisas que estão interligadas. Primeiro, ele está sugerindo que isso não beneficia os pobres. Ele vai embora, anota e vai em paz.

A propósito, deixe-me apenas mencionar isso. Vimos no cenário 2:2 a 4 que James usa descrição espacial e realidades espaciais para apontar para realidades relacionais. A pessoa apresentada no cenário de 2 :2 a 4 diz à pessoa rica, à pessoa que tem meios, sente-se aqui, por favor.

A proximidade espacial sugere intimidade relacional e conexão relacional. Já, quando ele diz ao pobre, fique aí, essa distância espacial aponta para distância relacional, não querer ter nada a ver com a pessoa. Isso pode ser sugerido aqui pelo que a pessoa diz em nosso cenário no versículo 16, vá em paz.

Agora, isto é altamente ambíguo porque, claro, ir em paz era tipicamente uma espécie de bênção. Mas neste contexto, devemos suspeitar que James também tem outra coisa em mente. E é que por trás dessa linguagem piedosa, vá em paz está um desejo de se livrar dessa pessoa, um desejo de se separar dela, de fazer com que essa pobre pessoa se afaste dela.

Vá em paz. De qualquer forma, ele vai embora, nota, vai em paz, ainda nu e com fome. Agora, este tipo de fé, e é isto que estamos a fazer nesta fase, este tipo de fé não tem nenhum efeito vantajoso dentro da comunidade.

É inútil, é inútil para os pobres irmãos cristãos. Não tem lucro para a comunidade. O facto de não ter nenhum efeito vantajoso sobre o companheiro cristão implica que não tem nenhum efeito vantajoso sobre a pessoa que diz ter este tipo de fé.

Observem que o fato de que o óbvio, o fato manifesto de que não beneficia a pessoa, a pessoa que é pobre, também sugere que não beneficia; também não tem nenhum efeito vantajoso para quem o diz. Agora, é claro que existe uma ligação estreita entre o indivíduo e a comunidade. Este é um pobre irmão cristão.

Se este tipo de acção não beneficia a comunidade, sugere que também não beneficia o indivíduo. Se não beneficia a comunidade ou outros membros da comunidade, a sugestão é que também não beneficia o indivíduo. Então, há uma conexão.

Sem lucro para outros cristãos indica que é inútil para quem tem tal fé, o que realmente leva à segunda coisa que penso que ele tem em mente em relação a ser sem lucro, e é que não beneficia a própria pessoa, o próprio homem que pronuncia esta bênção entre aspas porque não demonstrou misericórdia e, portanto, é julgado pelo Deus em quem afirma ter fé, o Deus da lei, que é realmente a lei do amor. O Deus da lei é o Deus do amor, e esta pessoa não está demonstrando amor e, portanto, não está realmente depositando confiança, não tem realmente um relacionamento com o Deus do amor, que é um Deus da lei e o Deus que mostra misericórdia. Versículo 13 e novamente, 5:11, como uma pessoa pode realmente acreditar no Deus que ordena? Versículo 8, você deve amar o seu próximo como a si mesmo e que julga com base na misericórdia demonstrada aos outros e ao mesmo tempo contradizer a lei do amor e se recusar a mostrar misericórdia.

Manifestamente, isso é impossível. É por isso que Tiago pode tirar a conclusão que chega no versículo 17, de que a fé por si só, se não tiver obras, está morta. Isto inclui o que ele disse sobre tal fé ser inútil quando ele diz que está morta.

Inclui o que ele disse sobre tal fé ser inútil, versículo 14, mas vai além disso. O versículo 17 não é simplesmente uma reafirmação do versículo 14, onde ele fala sobre a inutilidade da fé, mas vai além dela. Agora ele fala sobre a morte, a morte deste tipo de fé.

Não se trata simplesmente de que este tipo de fé não produza efeitos vantajosos e benefícios vantajosos. Mas quando ele avança e diz que está morta, ele está insistindo, como Tiago está, que tal fé é incapaz de fazer qualquer coisa, não simplesmente que lhe faltam efeitos vantajosos, mas é incapaz de fazer qualquer coisa. Isso, é claro, é o caráter de um cadáver.

Um cadáver não pode fazer nada. É incapaz de fazer qualquer coisa. Este tipo de fé está morta no sentido de que é incapaz de fazer qualquer coisa.

Para todos os efeitos práticos, isso não existe. Não faz, não faz, não só não produz obras, como é incapaz de produzir obras. Uma fé sem obras manifesta a sua morte, a sua incapacidade de fazer qualquer coisa.

Não tem vida, não tem vitalidade e não é de Deus. Pois Deus é um Deus de vida e não tem nada a ver com a morte. É claro que isto sugere que as obras não são um acréscimo à fé, mas antes uma expressão essencial da fé.

Uma pessoa que não tem obras não tem fé real, genuína e válida, nem o tipo de fé que importa. Agora, ele avança, é claro, nos versículos 18 a 26 para apoiar essas afirmações que fez nos versículos 14 a 17. E novamente, ele continua a diatribe, esta discussão, este diálogo, com o interlocutor imaginário.

Mas alguém dirá. Então, ele começa com uma objeção antecipada. Mas alguém dirá.

Por outras palavras, ao contrário do que acabo de dizer, pode muito bem haver uma opinião contraditória, um ponto de vista diferente, que será agora expresso nesta citação. Então, você tem aqui uma objeção antecipada ao que ele disse, uma rejeição do versículo 17, de que a fé por si só, se não tiver obras, está morta. A objeção aqui é que a fé pode ser separada das obras.

Que fé e obras são separáveis. Alguém dirá: você tem fé e eu tenho obras. Como digo, a afirmação essencial é que fé e obras são separáveis.

Ora, isto implica uma certa compreensão da fé, por um lado, e uma certa compreensão das obras, por outro. Isto é, esta afirmação implica que a fé e as obras são de tal natureza que podem existir isoladamente. Que eles podem existir isoladamente.

Agora, algumas coisas em relação a esta afirmação. Há mais aqui do que aparenta. Se formos um pouco abaixo da superfície.

Sabemos, é claro, pelo menos que temos todos os motivos para pensar, à medida que avançamos nos versículos 18 a 26, que Tiago tem Paulo ou uma certa compreensão de Paulo, de Paulina, de Paulo, ou dos ensinamentos de Paulo, ou de Paulina. ensino em mente. Estou inclinado a pensar, como isso ficará claro à medida que avançamos, que Tiago não está argumentando tanto contra Paulo, mas contra uma espécie de paulinismo mal compreendido, uma espécie de mal-entendido. Poderíamos até dizer uma espécie de perversão do pensamento de Paulo, do ensino de Paulo sobre a justificação.

Mas esta noção de que um cristão pode ter fé e outro cristão pode ter obras, também pode abordar outro aspecto de um mal-entendido do ensino de Paulo, e isso tem a ver com o ensino de Paulo sobre os dons espirituais. Você sabe, você se lembra disso, bem, você encontra isso especialmente, mas não exclusivamente, em 1 Coríntios, capítulos 12 a 14. Claro, isso também é encontrado em uma breve passagem, uma breve porção de Romanos 12, que Paulo fala sobre, é claro, os dons espirituais na comunidade, e Paulo ressalta que nem todos têm todos os dons que Deus distribuiu para que certos membros da comunidade tenham certos dons, e outros membros da comunidade tenham ainda outros dons.

Cada membro da comunidade tem algum dom, e alguns membros da comunidade podem ter mais de um dom, mas ninguém tem nenhum; todo mundo tem tudo; todo mundo tem pelo menos um dom, mas ninguém tem todos os dons. E, claro, a comunidade precisa de todos os membros com os seus vários dons para que a comunidade funcione bem. Esta noção de distribuição de dons dentro da comunidade, e aliás, lembre-se que em 1 Coríntios 12, um dos dons é um dom de fé.

Portanto, Tiago pode estar aqui abordando um mal-entendido ou uma má aplicação do ensino de Paulo com relação aos dons do Espírito dentro da igreja e diz, essencialmente, eu tenho fé, e vocês têm obras, de modo que a fé e as obras agora são entendidas de acordo com a estrutura da distribuição paulina, a noção paulina da distribuição de dons dentro da comunidade, de que algumas pessoas têm fé e outras pessoas, outros cristãos, têm obras. Claramente, Tiago quer corrigir essa noção e, claro, obviamente, não era isso que Paulo tinha em mente. Mas, novamente, pode muito bem haver aqui um mal-entendido do ensino de Paulo.

Mas note, também, que no fluxo deste argumento, dada a ênfase de Tiago de que a fé sem obras é morta, isto é, que não se deve afirmar ter fé sem ter obras, realmente, é muito surpreendente que este interlocutor com quem James está envolvido em um diálogo argumentativo diz o que diz. Você tem fé e eu tenho obras. Afinal, você não esperaria que essa pessoa dissesse o contrário? Você tem obras e eu tenho fé.

Mas essa pessoa que está discordando, esse interlocutor imaginário que está discordando de Tiago, diz: você tem fé e eu tenho obras. O que está acontecendo? Na verdade, isso gera alguma tensão com o que Paulo diz na declaração seguinte em 18b. Ele diz a essa pessoa: mostre-me a sua fé sem as obras, e eu, pelas minhas obras, lhe mostrarei a minha fé.

Mas essa pessoa na verdade não afirma ter fé. Ele afirma ter obras. O que está acontecendo aqui? Os estudiosos, é claro, têm debatido o que está acontecendo aqui há muito, muito tempo.

Posso simplesmente dizer o que penso e por quê. Ao apresentar esta afirmação de uma forma tão surpreendente, embora você esperaria que ele dissesse, você tem obras, e eu tenho fé, dizendo em vez disso, você tem fé e eu tenho obras, acho que Tiago está sugerindo aqui que ele não deseja argumentar simplesmente que a fé sem obras está morta. Que é impossível ter fé verdadeira sem obras.

Mas ele também quer defender o oposto ou o inverso, ou seja, é impossível ter obras sem fé. Não é apenas uma questão de ser questionável afirmar que se pode ter fé sem obras, mas também seria questionável se alguém pensasse que as obras são possíveis sem fé. Não só a fé sem obras, mas também as obras sem fé não podem ser obtidas.

Agora, esta resposta então, ele vai desde esta objeção antecipada no versículo 18a até a objeção respondida em 18b até 26. E o que ele faz aqui é apelar, antes de tudo, para a natureza da fé. Isto é encontrado no versículo 18b.

Então, o que você realmente tem aqui é uma espécie de interrogatório. Esta afirmação, você tem fé, e eu tenho obras, é um problema, que ele então vai abordar, realmente resolver. É claro que também envolve uma afirmação que Tiago considera falsa e, portanto, ele segue em frente; em termos destes apelos, ele prossegue apoiando a sua afirmação implícita de James de que esta afirmação, esta objecção do interlocutor, está errada.

Então, ele começa dizendo que isso é errado por causa da própria natureza da fé em 18b. Mostre-me a sua fé independentemente das suas obras, e eu, pelas minhas obras, lhe mostrarei a minha fé. Isto é realmente um apelo à realidade, um apelo ao interlocutor para apoiar a sua afirmação de que a fé e as obras são separáveis, para apoiar a sua afirmação, e sugerindo que essa afirmação é indemonstrável.

Não é possível fazer backup. Não pode ser apoiado por fatos, pela realidade. É contrário à realidade.

Ele desafia o interlocutor a sustentar as suas afirmações e apela à realidade. Ele diz que você deve demonstrar isso em vez de se envolver em simples afirmações. Agora, a suposição que está por trás do que James está dizendo aqui é esta.

A natureza da confissão de fé é tal que, para que faça algum sentido, deve ser demonstrada. Outra forma de dizer: a fé, pela sua própria natureza, deve ser expressa.

Uma fé não expressa ou uma fé não exprimível enfraquece a reivindicação da própria fé. Rouba a pretensão de ter fé em qualquer substância. Agora, ele segue em frente e apela também aos demônios.

No versículo 19, você acredita, e claro, isso vem da mesma raiz da fé, pistis é fé, pisteueis aqui, você acredita, você tem fé que Deus é um. Você faz bem. Até os demônios acreditam e estremecem.

Ok, este é um versículo interessante. Ele apela aos demônios aqui em seu argumento. Ao desvendarmos isso, há realmente três pontos que James deseja destacar aqui.

Na verdade, há três pontos que devemos destacar em relação a este versículo. A primeira é que o objeto da fé seja explicitamente identificado. Tiago agora identifica explicitamente o objeto da fé.

Esta é a única vez no livro de Tiago que Tiago realmente fala sobre o objeto da fé. Ou seja, aquilo em que se tem fé é aquilo em que se acredita. Para Tiago, a fé não é apenas fé como confiança e compromisso pessoal, como é enfatizado em Paulo.

É isso, mas, na verdade, vimos isso em 2:1, enquanto eu disse no outro segmento, acho que temos o genitivo objetivo, ou seja, que o objeto da fé é nosso Senhor. Jesus Cristo. Isto é fé, como digo, confiança pessoal na pessoa de Jesus Cristo. Você encontra isso em 2:1. Acho que você também encontra isso em 2:21 a 23, quando ele diz: Não foi Abraão, nosso pai, justificado pelas obras, quando ofereceu seu filho Isaque sobre o altar? Você vê que a fé estava ativa junto com suas obras e a fé foi completada por suas obras.

E cumpriu-se a Escritura que diz que Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Isto envolve confiança pessoal, isto é, colocar confiança na pessoa de Deus. Portanto, é verdade que parte da compreensão de fé de Tiago é a confiança pessoal e o compromisso na pessoa de Cristo, na pessoa de Deus, como é enfatizado em Paulo.

Mas Tiago também entende a fé, relacionado a isso, Tiago entende a fé como adesão a um credo, ou seja, colocar confiança em um certo entendimento sobre Deus, uma certa noção sobre Deus. Fé como adesão a um credo e a um credo específico, e essa é a unidade de Deus. Você acredita que Deus é um.

Você acredita em algo sobre Deus. Acho que devemos ter cuidado para não separar demais a fé como afirmação do credo da fé como confiança ou compromisso pessoal. Porque, claro, para ter fé na pessoa de Deus é preciso saber quem e o que é Deus.

Assim, a crença do credo como afirmação do credo, o assentimento do credo é parte, pode-se até dizer, inseparável da confiança ou confiança pessoal. Na verdade, pode-se falar piedosamente sobre ter confiança pessoal, ter fé como confiança pessoal ou confiança em Deus, mas se você não sabe quem é Deus, se você não tem fé como uma afirmação do pensamento correto ou correto, um poderia até dizer, a doutrina correta em relação a Deus, a sua fé pessoal, o seu compromisso pessoal pode revelar-se idólatra. Tenha fé em Deus, mas o Deus em que você tem fé não é o Deus verdadeiro e não corresponde ao Deus apresentado nas Escrituras.

Portanto, há uma conexão profunda entre a fé como consentimento teológico e a fé como compromisso pessoal e confiança. Um dos perigos, posso apenas dizer incidentalmente, é a falta de ênfase na teologia séria e no pensamento teológico, que é encontrado em algumas partes da igreja. Sempre foi assim, mas talvez especialmente nos últimos anos, é que se corre muito seriamente o risco da idolatria. Tudo o que isso quer dizer é que Tiago tem essa compreensão holística da fé.

Envolve confiança pessoal e compromisso num Deus que é conhecido, que é conhecido corretamente, e especialmente conhecido como sendo um, o Shemá, o próprio coração da fé judaica, da fé hebraica. Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Deus. Se você acredita que Deus é um, você se sai bem.

Aqui, então, em Tiago, a fé é vista como um assentimento à unidade de Deus. E notamos que este assentimento recebe a marca de aprovação de Tiago. Se você acredita que Deus é um, você se sai bem.

Como ele havia dito no versículo 8, se você realmente cumprir a lei real de acordo com as Escrituras, você mesmo amará o seu próximo e fará o bem. Esta é uma afirmação teológica básica entre o argumento e as exortações da epístola como um todo. Como vimos, Tiago enfatiza a unidade de Deus como base para a vida cristã prática.

Agora, isto pode ser entendido como uma espécie de credalismo, mas o argumento de James é que só é credismo se não for acompanhado de obras. Só é credismo se não for acompanhado de obras. O que torna a fé um mero consentimento de credo em oposição ao compromisso da minha pessoa com o compromisso confiante com a pessoa de Deus e de Cristo é a expressão de tal fé em ação.

Aquilo que concorda com a doutrina do credalismo versus um tipo de confiança pessoal que estabelece um relacionamento pessoal, veja bem, um amigo de Deus, é de acordo com Abraão, que estabelece um relacionamento pessoal que expressa esse relacionamento pessoal, uma fé viva e vibrante é o ausência de obras. A verdadeira crença no Credo envolverá o compromisso de toda a pessoa e deverá, portanto, invocar a fé no sentido paulino, que se manifesta pelas obras. Aliás, em certo sentido, toda esta questão no que diz respeito ao que muitas pessoas, muitos cristãos, agora se referem como mero assentimento credo ou mero assentimento intelectual, penso que envolve a antropologia, uma visão da humanidade que era desconhecida no mundo antigo e entre os escritores bíblicos.

Porque se você se aprofundar um pouco, se você se aprofundar em termos da visão bíblica da humanidade, acho que descobrirá que a suposição deles é que se uma pessoa realmente acredita que algo é verdade, isso necessariamente afetará todo o mundo. pessoa. Penso, por outras palavras, que me parece que eles teriam tido algum problema com o conceito de que uma pessoa poderia ser totalmente persuadida, poder-se-ia dizer cognitiva ou intelectualmente, de algo como a ressurreição de Jesus sem que isso afectasse a pessoa holisticamente. Agora, James fala sobre pessoas divididas como um problema e por isso sabemos que essa ideia estava por aí, mas há um sentido mais profundo.

Na verdade, esta é uma das razões pelas quais James tem problemas com a divisão. Há uma sensação mais profunda de que os seres humanos são inteiros, que estão integrados. Uma das tendências, pode não ser tanto o caso em certas partes do mundo, mas uma das tendências no Ocidente que caracteriza a modernidade no Ocidente é compartimentar, compartimentar a personalidade.



E você tem um tipo de antropologia, uma visão da humanidade, que permite a possibilidade de um tipo de compartimentalização que teria sido, penso eu, bastante estranha, bastante estranha ao pensamento das pessoas antigas, especialmente das pessoas bíblicas. Agora, o que temos aqui, embora, em segundo lugar, além do objeto da fé ser explicitamente identificado aqui, é que o objeto desta fé, isto é, a crença na unidade de Deus, demonstra a contradição inerente e flagrante de manter a fé sem funciona. A separação entre fé e obras implica uma separação, uma desunião e uma dicotomia dentro do próprio Deus, que é exatamente o oposto do que a fé sustenta.

Você acredita que Deus é um? A crença de que Deus é um implica que a fé e as obras são uma e que não podem ser separadas. É claro que isto também expressa uma suposição mais profunda. Aliás, isso envolve implicações das quais falamos quando falamos de método.

Isto implica, a título de suposição, que a vida cristã é um reflexo do ser do próprio Deus. Agora, o terceiro ponto aqui é que a ineficácia, a ineficácia da salvação somente pela fé sem obras, é indicada pela comparação com os demônios. Esse, claro, é o ponto principal que ele está defendendo.

É por isso que ele introduz demônios aqui. Você acredita que Deus é um, você faz bem, até os demônios acreditam e estremecem. Os demônios também afirmam o credo, mas esse tipo de fé obviamente não os salvará do julgamento escatológico.

Contudo, creio que existe aqui um elemento de contraste entre a pessoa que diz que tem fé e não tem obras e os demônios que acreditam que Deus é um. Acho que também há um contraste e também uma comparação. Agora, em certo nível, ele está claramente fazendo uma comparação entre aqueles que separam a fé das obras e os demônios que têm um tipo de fé.

Eles acreditam que Deus é alguém para quem essa fé é claramente inútil. Isso não os beneficia em nada. Eles não percebem nenhuma salvação disso.

Há claramente uma comparação entre a pessoa que diz ter fé, mas não tem obras, e esses demônios descritos aqui, mas também pode haver um contraste. Isso muitas vezes é esquecido pelos intérpretes, mas pelo menos está claro para mim que você também pode ter um contraste entre a pessoa que diz: Eu tenho fé, mas não tenho obras, e os demônios que acreditam que Deus é um e estremecem. Há aqui um elemento de contraste que também pode sublinhar o argumento de Jane.

Ou seja, mesmo nos demônios, essa crença leva à ação. Eles acreditam e estremecem. Os demônios percebem que a fé sem obras de sua parte levará ao julgamento e, Jane pode estar sugerindo, se eles pudessem se arrepender e alinhar seu comportamento com sua fé, eles o fariam.

É por isso que eles estremecem. Os demônios são, portanto, mais conscientes e precisos na sua percepção das coisas do que estes cristãos. Agora, é uma observação muito interessante que na Bíblia o diabo e os demônios têm uma boa teologia.

Obviamente eles têm seus problemas, mas a teologia não é um deles. Você se lembra na tradição do evangelho sinóptico, você encontra isso em Mateus, Marcos e Lucas, que o diabo, Satanás, percebe desde cedo que Jesus é o filho de Deus. Imediatamente após o batismo de Jesus em Mateus capítulo três, você tem no início do capítulo quatro a tentação de Jesus pelo diabo, onde o diabo tenta Jesus precisamente em seu papel se você é o filho de Deus, o que, aliás, no grego é uma declaração condicional de primeira classe, que pressupõe o fato de que poderia ser traduzida, talvez devesse ser traduzida, já que você é filho de Deus, faça isso, ou já que você é filho de Deus, faça aquilo.

É claro que, mesmo antes dos seres humanos e mesmo antes dos discípulos perceberem que Jesus é o Filho de Deus, os demônios o fazem. Então, o diabo e os demônios têm uma boa teologia. Esse não é problema deles.

Mas de qualquer forma, creio que este é um argumento muito eficaz da parte de Tiago e muito interessante, pois ele reforça seu ponto aqui, entre todas as coisas, apelando para a fé na medida em que você pode chamá-la assim, a fé de demônios. Agora, e é claro, realmente, você tem aqui o argumentum a fortiori. Se isso é ineficaz, se esse tipo de fé realmente não traz nenhuma vantagem para os demônios, quanto mais não traz nenhuma vantagem para nós? Agora, ele apela para o testemunho bíblico e isso se torna bastante complicado.

Então, acho que este é um bom lugar para fazer uma pausa aqui e podemos continuar no próximo segmento de vídeo.

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 22,  
Tiago 2:14-20.